

## A genealogia da cultura e a dimensão criativa das pulsões

*Flávia Rodrigues<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo busca primeiramente investigar como a Genealogia da Cultura transforma-se em um instrumento que possibilita mostrar, através do estudo de um fenômeno cultural, sob quais forças ele se constitui e transforma, possibilitando assim compreender em qual direção um tipo de valor orienta as ações de um vivente. Em um segundo momento, procuraremos mostrar como a mudança de valores, reinantes em uma cultura podem ser modificadas pelo filósofo do futuro. Este estudo empregou metodologia exploratória de caráter bibliográfico e no intuito de tornar as ideias de Nietzsche mais claras, buscou-se fundamentar as reflexões aqui elencadas apenas aos seus principais comentadores, envolvendo leitura, análise e interpretação de livros, artigos, monografias, revistas e sites que possam auxiliar na construção efetiva do mesmo. Como síntese buscamos evidenciar, que o estudo genealógico da cultura torna possível compreender como surgiram as escolhas axiológicas adotadas pelos viventes em suas culturas e como o filósofo do futuro pode estabelecer novos valores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Genealogia. Cultura. Pulsão. Interpretação.

### INTRODUÇÃO

O problema filosófico nietzscheano busca analisar genealógicamente as interpretações humanas determinando seus valores e implantar novas interpretações que favorecem o crescimento dos viventes. Não pretendemos esgotar aqui o conceito de genealogia, pretendemos sim apresentar um estudo introdutório da genealogia da cultura, procurando destacar seus pontos principais.

O estudo genealógico para Nietzsche, não pode ser entendido como técnica para construir conhecimentos, encontrar verdades e interpretações históricas. A genealogia ganha sentido, na filosofia nietzscheana, como pensamento interpretativo da realidade, conforme o resultado de um tipo de luta entre pulsões. Quando as pulsões se encontram hierarquizadas, um conjunto de pulsões ascendentes ou declinantes agregam-se e são interpretadas pela vontade de potência. Ou seja, a vontade de potência é a chave de leitura interpretativa da realidade que possibilita a interpretação da cultura.

O estudo genealógico da cultura, nessa dissertação, será realizado com base nas proveniências pulsionais e axiológicas das interpretações nietzschianas sobre a cultura. A investigação genealógica partirá de um estudo das pulsões que compreendem o processo que ocorre entre o pensamento infraconsciente e a interpretação, desqualificando a ideia do ser e clarificando a ideia do devir.

1 Flávia Rodrigues, Mestranda em Filosofia na Unisinos. avocuca@gmail.com

## 1 AS PULSÕES

A ideia de pulsão deve ser qualificada como um processo infraconsciente de regulações restritivas da vida no corpo e estão ligadas a satisfação de suas funções fundamentais. Nietzsche propõe compreendê-las como atividades do pensamento, por mais que se pretendam autônomas, são atividades instintivas.

As pulsões sintetizam as características essenciais de toda a realidade e como tal devem ser entendidas como pensamento da processualidade, como pensamento do infraconsciente e como pensamento da interpretação. Elas obedecem a uma posição anti-idealista, na medida em que contestam o privilégio concedido à consciência e a racionalidade, desqualificam a ideia do ser e restituem o direito do devir.

O trabalho interpretativo, ou seja, a transformação da realidade pelas pulsões, está presente nos primeiros escritos de Nietzsche desde o *Nascimento da Tragédia*.

Originando-se nas diversas regiões do corpo, as pulsões enunciam urgências, exigências, comandos, representações. E por isso elas constituem, para Nietzsche, o objeto por excelência da Psicologia, concebida por ele como morfologia da vontade de poder. Essa psicologia representada, tem como objeto o estudo das formas e das manifestações diferenciadas da vontade de potência. É, pois, a partir desta representação que Nietzsche determina uma nova noção de vida, que é a fonte do conceito de vontade de potência. A realidade é determinada a partir da vida, e, a vontade de potência é a lógica que anima toda a realidade em todos os níveis.

Toda psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e teoria da evolução da vontade de poder, tal como faço – isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento: na medida em que é permitido ver, no que foi até agora escrito, um sintoma do que foi até aqui silenciado. (Para Além do Bem e do mal, §23)

A vontade de poder interpreta sem um sujeito, a interpretação tem existência própria como processo, como devir. Esse processo de interpretação é infra consciente e acontece através das pulsões, que são processos criativos da interpretação. A interpretação na verdade é um trabalho de reorganização da tentativa de controle da realidade, realizado pelas pulsões, que se esforçam para interpretar as rivalidades existentes entre as tentativas de controle. As pulsões são forças dinâmicas em constante relação de poder, nunca eliminam o adversário, mas o subjugam, para explorar seu poder em benefício próprio.

Tomadas como o que determina o modo de viver e agir do vivente, as preferências fundamentais das pulsões são fixadas por valores existentes em uma determinada cultura, são elas quem determinam aquilo que deve ser querido e aquilo que deve ser evitado. Além dos seres vivos que animam, trabalham para regular a realidade segundo perspectivas particulares, para se colocarem em conformidade com os valores axiológicos que manifestam.

Como atividades interpretativas, as pulsões, intensificam o próprio poder e domínio sobre a exterioridade, mas identificar o processo pulsional infraconsciente ainda não equivale a realizar uma genealogia. Essa criatividade das pulsões permite uma análise genealógica que retrocede a interpretação das fontes pulsionais.

## 2 A GENEALOGIA

Em 1886, Nietzsche introduziu em seus escritos, a noção de genealogia com a tarefa de identificar a origem das morais e mostrar suas proveniências extra morais. A tarefa da filosofia passou a ser a busca, através de um estudo genealógico, das origens instintivas e axiológicas das morais. Considerando que as morais são fontes de transformações e exercem uma profunda modificação nos viventes que as adotam, Nietzsche as considera como instrumentos da cultura, com base nos seus sistemas de valores. A nova forma de pensar que a genealogia representa está em sintonia com a problemática que Nietzsche impõe a filosofia. A análise genealógica possibilitará ao filósofo do futuro instaurar uma cultura propícia a intensificação da vida, invertendo valores que possivelmente condenaram comunidades à ruína.

(...) Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão — para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. Tomava-se o valor desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às expensas do futuro? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos?... (Genealogia da Moral, § 6)

Em primeiro lugar a genealogia busca as proveniências pulsionais de uma interpretação, e, em segundo explora o complexo campo onde emergiu uma criação para impulsionar a rivalidade pulsional. Em outras palavras, Nietzsche revela que,

(...) a causa do surgimento de uma coisa e sua utilidade final, seu emprego e ordenação de fato em um sistema de fins, estão *toto coelo* um fora do outro; que algo existente, algo que de algum modo se instituiu, é **sempre interpretado outra vez por uma potência que lhes é superior para novos propósitos**, requisitado de modo novo, transformado e transposto para uma nova utilidade; que todo acontecer no mundo orgânico é um sobrepujar, um tornar-se senhor, e que, por sua vez, todo sobrepujar e tornar-se senhor é um interpretar de modo novo, um ajustamento, no qual o “sentido” e “fim” de até agora tem de ser necessariamente obscurecido ou inteiramente extinto. (Pensadores, PGM, § 12) (grifo nosso)

A genealogia não só busca a origem, mas busca o valor de uma interpretação, identificando seu caráter benéfico ou prejudicial para a comunidade ou vivente que a adota. É possível compreender através da genealogia nietzschiana que as preferências de uma determinada cultura não possuem a legitimidade que lhe foi atribuída. A genealogia não é o resultado de uma evolução, pelo contrário é um exame crítico dos valores que analisa, comparando os impactos destes valores a longo prazo no desenvolvimento da vida.

(...) Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão — para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. Tomava-se o valor desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às expensas do futuro? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos? (Genealogia da Moral, § 6)

No aforismo anterior, Nietzsche assinala o processo da interpretação pautado em valores, uma novidade que determina a lógica complexa dos valores, que o termo cultura designa.

Através das pulsões os valores condicionam a maneira de interpretar a realidade, e, a genealogia ganha sentido na interpretação. As noções de moralidade são de fato interpretações. O que a genealogia identifica não é um ponto fixo, mas um campo de multiplicidade. A genealogia responde mais ao valor do que a origem de um problema, seu objetivo primeiro é revelar a natureza benéfica ou não dos valores inconscientes que um vivente ou uma comunidade adotam. A crença em uma moral que se considera verdadeira é a condição necessária para que o vivente a adote, e, ao fazê-lo, transforma a sua natureza. A genealogia analisa e compara impactos dos valores, a longo prazo, no desenvolvimento da vida, permitindo ao filósofo verdadeiro estabelecer uma cultura de intensificação da vida.

A filosofia de Nietzsche define-se assim em duas tarefas coordenadas, por um lado a investigação genealógica com o objetivo de elucidar o valor dos valores e de outro lado com o pensamento de cultivo que visa a elevação do homem por meio de novos valores. A cultura deve investigar as atividades e o pensamento humano em uma determinada comunidade, em uma época precisa da história, buscando os valores que orientam estas atividades. A investigação genealógica destaca a influência, favorável ou não, destes valores na vida humana. A primeira fase da investigação genealógica deve ser comparada a psicologia nietzschiana, especificamente a investigação das pulsões.

A avaliação genealógica dos diferentes tipos de vida não representa o último itinerário da cultura. Para Nietzsche o último itinerário da cultura está nas mãos dos filósofos do futuro, destinados a contrariar a degradação da vida e a favorecer o aparecimento de tipos humanos positivos e saudáveis conforme as exigências da vontade de potência na qual a vida é um caso especial. O filósofo deve pensar em si mesmo não como um cientista, mas como um “médico cultural”.

Ainda estou à espera de que um médico filósofo, no sentido excepcional da palavra - um médico que tenha o problema da saúde geral do povo, tempo, raça, humanidade, para cuidar -, terá uma vez o ânimo de levar minha suspeita ao ápice e aventurar a proposição: em todo filosofar até agora nunca se tratou de “verdade”, mas de algo outro, digamos saúde, futuro, crescimento, potencia, vida (Pensadores, AGC, Prefácio da Segunda Edição, § 2)

O projeto de apreciação médica do conceito de valor é o elo que explica a filiação entre genealogia e cultura, entre a fonte de interpretação e a interpretação. Pois a tábua de valores de uma sociedade ou de um indivíduo, onde se enraízam as criações das filosofias morais, religiosas, políticas e artísticas, cujo conjunto pode representar um complexo de cultura ou uma cultura individual, são estimativas de valor de nossas carências mais íntimas.

Nietzsche traz o elo genealógico entre corpo e cultura, usando termos médicos para definir o questionamento filosófico conforme a vontade de potência. Ao interrogar uma cultura, o filósofo médico busca informações sobre os instintos que ali atuam, considerando as criações culturais como fenômenos a serem decifrados. As interpretações são por vezes

tratadas como sintomas dos fenômenos e o filósofo como médico da cultura tem como dever resolver o problema elaborando um diagnóstico compatível aos efeitos patológicos causados pelos valores. Os valores tendem a promover certas formas de pensar e a proibir outras, valores e interpretações conjugados determinam a dinâmica da cultura nietzscheana. Esta nova maneira nietzschiana de pensar a filosofia implica em uma análise genealógica de pensar as interpretações aumentando o valor da vida, uma vez que os valores só são reais quando corporificados no próprio vivente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as atividades dos viventes são determinadas por pulsões, as interpretações produzidas por certas pulsões determinam a realidade. A genealogia remete estas interpretações aos valores, e, a retroação destas interpretações remetem a uma transformação no vivente. Valores e interpretações produzem mudanças no corpo e em suas condições de vida. Compreende-se então que o filósofo, conforme Nietzsche, não é mais identificado como o homem do conhecimento e sim como um médico filósofo.

A análise genealógica permite identificar os valores morais afirmativos e condenatórios em relação à vida, revelando assim o caráter nocivo ou não da moral. Cabe ao filósofo velar pelo futuro do homem e trabalhar em prol de sua saúde e vontade de potência. O filósofo deverá agir como um médico filósofo e após um diagnóstico feito através da genealogia poderá criar e preestabelecer o caminho e a meta dos homens. Estabelecendo uma cultura de intensificação da vida e empreendendo uma derrubada de valores nocivos para a humanidade.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora* - Org. Gérard Lebrun - Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho - 3ª Edição - São Paulo: Abril Cultural - 1983 - Coleção os Pensadores.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano demasiado humano I* - Tradução Paulo Cesar de Souza- São Paulo- Cia das Letras – 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para Além do Bem e do Mal* - Org. Gérard Lebrun - Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho - 3ª Edição: São Paulo- Abril Cultural - 1983 C - Coleção os Pensadores.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para A Genealogia da Moral* - Org. Gérard Lebrun - Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho - 3ª Edição: São Paulo- Abril Cultural - 1983 - Coleção os Pensadores.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. Org. Gérard Lebrun - Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983 - Coleção Os Pensadores.

WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o Problema da civilização* - Tradução Vinicius de Andrade - Editora Barcarola Ltda. - GEN – 2013.